

texturas⁰¹



Revista Literária da Oficina da Palavra • Abril • 2019



Palavras ao mar

Contos • Crônicas • Ensaios • Poemas • Experimentos

REVISTA TEXTURAS

Oficina da Palavra Publicações

Projeto Gráfico e Diagramação:

Ítalo Mendonça

Revisão Geral e Edição:

Cyntia de Oliveira e Silva

Foto da capa:

O mar como espelho

por: Cyntia Silva

Contato:

Rua Marechal Guilherme, 103 - sala 908 – Centro, Florianópolis

CEP: 88015-000 – Florianópolis – SC

Telefone: (48) 9 9963 1355

cyntia@ofpalavra.com.br

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.1 (mar. 2019) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2019. 52 f.: il

“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra.

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia e aforismo. 4. Fotografia. 5. Arte.

5 Cyntia Silva

Apresentação

10 Ítalo Mendonça

Notas e aforismos

14 Cyntia Silva

Grávida de palavras

20 Patrícia Coraza

Très scatologique

26 Larissa Fioda

Olhos mecânicos

34 Benito Barros Maia

Vovô Mundinho

40 Clara Cruz

Canção de anjo para anjo

46 Jéferson Dantas

Vestido de mar

6 Marcelo Borret

Literatura e memória

12 João Chiodini

O amor acabou

18 Edir Alonso

A traição de Capitu

22 José Maurício Coelho

Time-lapse

30 Luciano Machado

Um olhar

38 Carlos Nogueira

Amar sem advérbios

42 Ricardo Faion

Neve



*(Foto) “O fantástico mundo de Rafael Silveira”.
Registro fotográfico da exposição do artista plástico,
no Museu Oscar Niermeier. Curitiba, 2017.*

Apresentação

Em agosto deste ano, a Oficina da Palavra completa 10 anos. A edição da revista literária Texturas coroa essa trajetória, marcando nossa paixão pelas palavras e pela arte.

Começamos preparando alunos para redação de vestibulares. Com o tempo, outros interessados começaram a nos procurar e optamos por oferecer um curso de produção textual que provocasse a reflexão sobre o processo da escrita de forma ampla. Além de jovens estudantes, participam das turmas concursandos, acadêmicos, profissionais variados (que têm a escrita como sua ferramenta de trabalho) e pessoas apaixonadas pela escrita literária. Nosso objetivo é inspirá-los para redigir em qualquer momento e contexto em que estejam.

Nos últimos anos, os interessados pela escrita criativa cresceram em número e qualidade nos nossos grupos. Isso nos impulsionou a lançar a revista Texturas, que sintetiza o encontro sinestésico da palavra com a imagem-poesia. As sensações provocadas podem ser múltiplas.

Por aqui, compartilharemos textos de ex-alunos e convidados. São amigos que trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os trabalhos desta edição, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, fotografias e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por aqui.

Encadeamos os escritos pela conexão temática entre si e o todo: a relação entre literatura, história,

palavra, arte e criação; o universo feminino; os limites do tempo e do espaço; as fronteiras entre corpo e máquina; nossa humanidade presente nas inquietações sobre amor, amizade, vida e morte.

Agradeço aos *amig@s-escritor@s* que generosamente acreditaram neste projeto e se fazem presentes nesta edição: Marcelo Borret, Ítalo Mendonça, João Chiordin, Edir Alonso, Pati Coraza, José Maurício, Larissa Fionda, Luciano Machado, Carlos Nogueira, Clara Cruz, Ricardo Faion, Jéferson Dantas e Benito Barros Maia (*in memorian*).

Faço um registro especial a Ítalo, meu filho e parceiro na criação de Texturas, pela beleza da criação gráfica.

Por ora, não temos periodicidade definida, mas já planejamos o próximo número para o semestre que vem. Quem sabe outras edições não brotarão em menor prazo?

Degustem-na.

Cyntia Silva

“Rastros da memória”.

Foto de Cyntia Silva.


Florianópolis/SC, 2016.



Literatura e memória

Marcelo Borret

Marcelo Borret Cortez, natural de Duque de Caxias/RJ, é graduado em História pela UFRJ. Atua como professor de ensino médio há 28 anos.

 O primeiro mês de 2019, não sei bem o porquê (talvez tenha sido um efeito causado pelo novo governo), me jogou direto para o final dos anos de 1970. Isso nunca tinha me acontecido. Coisa estranha! E de repente, lá estava eu ... com minhas memórias ... de volta ao passado.

Pra ser mais preciso, eu voltei para um recorte histórico de dois anos. Eu estava entre 1977 e 1979. Lembrei-me das idas à escola – o Educandário Santa Cecília, onde eu e minhas irmãs estudamos e na qual minha mãe trabalhava, como professora de Educação Artística –; da simples e superacolhedora casa de minha vó Maria; da feira livre que meu pai frequentava, para a qual sempre me escalava pra ir; da nossa antiga casa na Rua Prudente de Moraes.

E em meio a tantas visitas a tempos mais remotos da minha existência, duas dessas lembranças me foram muito presentes. A primeira foi da Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina. Essa foi a primeira copa a que eu realmente acompanhei. Vi todos os jogos do Brasil e muitos outros jogos que ainda estão bem claros na minha memória.

A estreia do Brasil foi contra a Suécia e empatamos, sofridamente, em 1x1 (o nosso gol foi feito pelo, na época, artilheiro do Galo, Reinaldo). O último jogo do Brasil foi contra a Itália: ganhamos por 2x1 e levamos o terceiro lugar. O técnico Cláudio Coutinho, ex-militar, teve até a coragem de dizer que tínhamos nos sagrado campeões morais, pois, não perdemos nenhuma partida. Já a campeã, a Argentina, foi à final depois de uma polêmica goleada de 6x0 sobre o Peru. Confesso que não fiquei tão triste com a derrota do Brasil, em 78, como ficaria quatro anos depois da Espanha. Mas isso é uma outra história.

A segunda lembrança, não menos importante, foi o meu encontro com a literatura. E eu digo não menos importante com muita segurança do que estou falando e não como jargão textual. Toda esta crônica foi 100% inspirada no meu contato com a literatura ainda na infância. E a volta que fiz aos anos 70 me remeteu, diretamente, à literatura. Eu costumo dizer aos meus alunos que “do nada, nada vem”. Então, para manter a coerência, vou dizer que não sei, precisamente, porque voltei ao passado, mas voltei, e ele me fez lembrar os meus primeiros livros lidos.

Houve, confesso, um delicioso saudosismo. E olha que não costumo ser saudosista. Muito pelo contrário. Por melhor que tenham sido as coisas que vivi, tenho total clareza que é uma bobagem tentar reviver esse passado. Revisitá-lo, sim; reviver, não.

Três livros marcaram profundamente minha chegada à literatura: *Memórias de um Cabo de Vassoura* e *Memórias de um Fusca*, ambos de Orígenes Lessa, e *Os Meninos da Rua Paulo*, do escritor húngaro Ferenc Molnár.

As duas primeiras obras me impressionaram pela leveza, pela leitura fácil das palavras e pela conexão que eu pude fazer com o meu dia-a-dia. Tanto o cabo de vassoura, quanto o fusca estavam intimamente presentes no meu cotidiano.

O cabo de vassoura era de grande utilidade para minha mãe. Quando ele não estava na sua função tradicional, que era a de ajudar na limpeza da casa, varrendo o chão, podia ser usado pra pegar a bola que foi parar embaixo dos carros estacionados próximos aos locais em que jogávamos bola. Servia também pra tirar goiabas dos galhos mais altos das nossas queridas e robustas goiabeiras. Na minha infância, essa árvore era o símbolo do verão: quando estavam carregadas, era o sinal de que essa estação estava chegando; e quando o verão chegava, era porque estava na hora de colher nosso fruto preferido: as goiabas. O cabo de vassoura ainda tinha a função de pegar a linha da pipa que estava um pouco fora do alcance da mão. Neste caso, era uma extensão dos braços de quem o utilizava. Não raras vezes, na minha casa, a vassoura, com cabo e tudo, voava até as minhas costas, sofredamente arremessada por minha mãe. Digo “sofredamente” porque minha mãe sempre dizia: “vai doer mais em mim do que em você”. Ela também sofria. Nesse caso, o cabo também era uma extensão dos braços de minha mãe, mas que se projetava na minha direção.

E no caso do fusca, além de, naquela época, esse ser o carro mais popular do Brasil, meu pai teve dois: um 1969, laranja, e outro 1970, vermelhão. O fusca nos levava a todo e qualquer canto e fizemos maravilhosos passeios. Sempre com os cinco: eu, meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Obviamente, com as bagagens no indefectível

porta-malas frontal. Na obra, Orígenes já tratava da necessidade de se ter um trânsito mais humano e respeitoso. Mas meu grande interesse por ela era pelo lirismo e fabulações presentes nos casos relatados. Pra mim, o mais emblemático é a paixão que o fusca desenvolve pela Belina. Fantástico!!! Obra inesquecível. Tempo depois, papai acabou trocando o fusca por um chevette e saímos da Era Volkswagen pra assumir a Era Chevrolet.

Mas a grande obra, desse período da minha vida, foi *Os Meninos da Rua Paulo*. Essa já era mais “adulta” e me fez entrar em um outro tipo de literatura. Uma literatura que apresentava meninos e suas vivências com outros meninos, com uma discreta presença adulta. Não se tratava mais de fabulações envolvendo um menino e um objeto – o cabo de vassoura e o fusca – mas sim uma história de meninos. Portanto, foi muito forte a presença do elemento existencialista nessa obra. Existencialismo não no sentido filosófico, mas como algo que trata da existência daqueles personagens e do que os cerca.

O que eu lia nesse romance era o que eu vivia ou desejava viver. Na obra, estavam presentes o espírito de aventura, a amizade, o heroísmo, a vida vivida na rua - local privilegiado onde tudo acontecia - e ainda havia espaço para pequenas angústias e medos que cercam os pré-adolescentes. Com muita beleza e simplicidade, Ferenc Molnár traça um retrato da juventude do início do século XX (1907) que cativou a minha juventude que viveu o final do mesmo século.

Esses três livros me descortinaram um mundo que até então se limitava ao meu espaço físico de vivência e convivência. Com eles, eu não só tomei gosto e desejo por conhecer outras histórias,

como também me enxerguei um ser mais imaginativo. Essas obras iniciaram, em mim, um processo contínuo de transposições de mundos, espaços, línguas, valores, que ainda se manifestam com muito vigor.

A prática de revisitar o passado, não importa o motivo, pode nos colocar, mesmo que por um breve momento, no lugar ou no exato instante onde muitas coisas passaram a fazer sentido para as nossas vidas. O cuidadoso exercício íntimo de voltar no tempo poderia ser uma prática mais frequente para nós. ☪

Notas e aforismos

Ítalo Mendonça

Designer, 32 anos. Escreve para meditar sobre arte, cultura e os dilemas da vida. www.italomen.com.br

Por apreciar textos concisos e provocadores, selecionei alguns escritos pessoais que partem de pensamentos pontuais, mas com potencial para se expandir em reflexões diversas - e íntimas do próprio leitor. Do específico ao amplo; do cotidiano ao atemporal; do individual ao universal; e vice-e-versa.

Palavras, livros e autores

I. Os escritores que mais me encantam são aqueles que servem como guia num sebo. Apresentam espíritos de 500 (ou 2000!) anos que nos dizem mais sobre o mundo e sobre o homem do que o frenético noticiário do dia. Taleb com sua escrita fractal nos mostra suas ideias convidando à mesa gigantes como Montaigne e Cícero. De minha parte: que sintam-se em casa.

II. Pode a personalidade e a visão de mundo de um autor interferirem no nosso julgamento de suas obras? Uma obra de arte torna-se independente do seu criador no exato momento em que cai no mundo? Bom, seja como for, ler os diários

de grandes escritores é correr um duplo risco: ou envenenamos seus escritos com interpretações exageradas das entrelinhas; ou aprendemos a admirá-los com a sensibilidade mais refinada.

III. Lendo a sinopse de um livro sobre a rivalidade entre mestres florentinos da pintura renascentista (*O Segredo dos Flamengos*), fiquei curioso pra saber a origem do nome do meu time de coração. Acabei descobrindo que a praia do Flamengo tem esse nome, diz a lenda, em referência ao navegador holandês Olivier van Noort, o primeiro da sua região a dar a volta ao mundo – e que tentou invadir a Baía de Guanabara no século XIV. Flamengo era a forma como se referia àquele que viera dos Flandres. E, por coincidência, os diários perdidos desse pirata neerlandês é o tema central do meu romance de cabeceira atual: *Os invernos da Ilha*. Conexões inesperadas!

IV. É tentador menosprezar um aforismo pelo seu tamanho compacto. Foi com Nietzsche e Taleb que me abri para esse quase-poético gênero literário:

“Bem cunhado e moldado, um aforismo não foi ainda ‘decifrado’, ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua interpretação, para a qual se requer uma arte da interpretação.” (Nietzsche)

“Aforismos são diferentes de textos convencionais. O autor recomenda ler não mais do que quatro aforismos de uma só vez. É preferível selecioná-los aleatoriamente.” (Taleb)

Vida longa a Machado, Goethe, Balzac, Baltasar Gracián e Joseph Joubert!

V. Revisitar os clássicos é como mergulhar em águas cristalinas durante a pausa de uma longa caminhada sob o sol de verão.

Pintura, música e outras artes

VI. A poesia é um aforismo com roupa de baile.

VII. Comecei uma investigação do legado educacional da “Missão Francesa” que veio ao Brasil imperial trazer a chama do ensino tradicional europeu de belas artes. Dessa fornalha saíram grandes nomes da pintura nacional (Pedro Américo, Victor Meirelles, entre outros). Mas a pergunta-chave que guia meus estudos no momento é: *o que ensinavam os mestres dos meus mestres?*

VIII. Neukomm, compositor austríaco que foi professor de música do príncipe D.Pedro, conta que recebeu um incentivo fundamental de seu mestre Joseph Haydn ao escutar: “Lembra-te que eu trabalho há 50 anos para chegar ao ponto em que estou”. Guardarei com carinho esse conselho.

IX. Em meio à sensação de impotência e desesperança com a tragédia material e simbólica do Museu Nacional, o Dionisius Amendola traz - em suas palavras - um facho de luz para a escuridão:

“Como recuperar algum senso de esperança depois do evento trágico da queima do Museu Nacional? Comece cultivando a sua liberdade interior, seu ‘museu particular’: leia um poema, ouça uma música, assista um filme, termine o romance que deixou de lado...”

“(...) perder a esperança é ser coberto por um nihilismo infantil que nada de bom irá gerar. Ninguém falou que era fácil cultivar a vida do espírito (...)”

Cultura e auto-educação

X. Se encararmos a cultura com um cultivo da nossa personalidade; a auto-educação como um esforço para superar nossa ignorância; e a felicidade como a sensação confortável de aceitar quem se é, descobriremos que é no silêncio da solidão que cultivamos nossa paz de espírito. Por tanto, é preciso proteger esses momentos preciosos com o empenho de um sentinela ao proteger o sono de uma criança.

XI. É no arado diário e solitário do espírito que brotarão os melhores frutos para oferecer aos vizinhos.

Diversos

XII. Diz a lenda que um rei da antiguidade solicitou um jogo que combinasse a destreza da sinuca, o duelo do tênis de mesa, a estratégia do xadrez e a emoção do futebol. Assim nasceu o futebol de mesa.

XIII. Para aprender a ficar junto, antes, é preciso aprender a ficar sozinho.

XIV. O amor que a gente emana é proporcional ao que cultivamos para nós mesmos. Não se pode dar o que não se tem.

XV. Nossa personalidade é nossa fortaleza. ☪

O amor acabou

João Chiodini

Editor e escritor. Autor de 18 livros nos mais variados gêneros, dentre eles o romance “Os Abraços Perdidos”, eleito como um dos melhores livros de 2015 pelo Suplemento Pernambuco.

A palavra é a matéria-prima de várias classes artísticas e, principalmente, dos escritores. A palavra não é apenas uma associação de letras, ela é carregada de significados, é um símbolo, um signo. Mas, o significado de uma palavra não é eterno, modifica-se com o tempo, além de correr o risco de perder sua força.

E as palavras têm pesos diferentes dependendo da cultura dos povos. Cultura é uma palavra que é fundamental para o significado das palavras. Fome não tem o mesmo significado para um chefe de cozinha nos Estados Unidos e uma criança na Etiópia. Solidão não tem o mesmo significado para um idoso esquecido pela família num asilo e para uma adolescente que não tem seu amor correspondido pelo Luan Santana. Política tem significados diferentes para cada candidato. Carta não é a mesma coisa para um jogador em Las Vegas e para uma cartomante. Brasileirão, também! É bem diferente para o Corinthians e para o Vasco.

Agora... Imagine se precisássemos comprar palavras numa loja para escrever um texto? Como seria? Ao chegar no “Secos & Molhados” do Joaquim, o armazém de um amigo português que tem a maior variedade de palavras da cidade, este cronista, portando uma lista com os itens necessários para construir a sua crônica, começaria a feira:

- Bom dia, Joaquim. Como estão as palavras essa semana?
- Bom dia, escritor. Recebi uma remessa interessante. Tem até palavras importadas. Sempre dá um toque especial juntar umas palavrinhas de outras línguas. Que nem o Machado, “La glace est rompue”.
- Vou pensar... Mas, para começar, me dá um pacote sortido de pontuação e

preciso de alguns pronomes.

- Pronomes, escritor? Tenho uma promoção de “comigo”, “nosso” e um desconto especial no kit de “teu, tua, teus e tuas”. O “meu” está em falta. Tá todo mundo usando “meu”, “minha” “eu” e “para mim”. Esses não têm nem previsão de chegar.

- Tudo bem, me dá alguns desses disponíveis, vou ver o que posso fazer.

- E palavras? O que vai ser?

- Não sei direito... Estava pensando em fazer um texto sobre amor. O que você me diz?

- Depende muito de como quer usar o amor. Se for aos moldes da moda, acabou o “tesão”, o “safada”, o “delícia”, o “assanhada” e o “pirada”.

- Ra rá... Engraçado. Isso não parece muito com amor, seu Joaquim.

- Como, não, escritor? Se você quiser dizer: “Tô morrendo de tesão de ver essa safada rebolando assanhada, que delícia, que delícia, vamos tomar uma cervejada, te deixar pirada e te pegar no meu possante. Vai sentir minha pegada.” Não vai dar.

- Teu conceito de amor está moderninho, hein, Joaquim!?

- Acredite, escritor. É amor pra muita gente. Inclusive, “vodka”, “cerveja” e “possante” também estão em falta.

- Tudo bem. O que o senhor me sugere?

- Por que não leva um pouco de “caridade”. Tem bastante em estoque, é pouco usada. Assim como “favor”, “obrigado”, “paciência” e “respeito”. Dá até pra fazer um bom desconto no pacote.

- Interessante. Então, se eu quiser falar um pouco sobre amor ao próximo, o que o senhor me sugere?

- “Iniciativa”, escritor. Ah, e “Boa” “Vontade”. Sem isso, não tem nem como começar. ☪



“Páginas por escrever”.

Foto de Cyntia Silva.

Florianópolis/SC, 2015.

Grávida de palavras

Cyntia Silva

Cyntia de Oliveira e Silva é brasileira, professora de Língua Portuguesa há 30 anos e fundadora da Oficina da Palavra há 10 anos. É apaixonada por palavras e busca inspiração na poesia, na música, no cinema, na fotografia e nas artes plásticas.

Semeadura.

Algo dentro de mim com vida
própria movia-se por minhas entranhas
chutava meu ventre,
enfiava seus pequenos pés
por baixo das minhas costelas
por dentro do meu cérebro
pela minha garganta.

Não saía boca a fora.

Como mãe,
agarrava-as (as palavras) pensando protegê-las.

Cresciam.

Quando crianças,
penteava seus cabelos,
fazia tranças,
ajeitava suas roupas,
ensinava-lhes os primeiros traços.

Queria torná-las impecáveis.

Adolescentes, saíam pela rua sem me avisar
descabeladas
amarrotadas.

Distraídas, já se achavam donas de si
e de todas as certezas do mundo.

Às vezes, queriam colo.

Adultas, são do mundo.

Cada qual a seu jeito
a seu tempo
em seus espaços.

Por aí, ouço falar delas.

Oco em mim.

Novo sêmen.

Algo se mexe novamente em minhas entranhas.

Estou prenha de um novo texto.

Vermelho revelador

Cyntia Silva

Fez a Primeira Comunhão aos onze anos para experimentar aquela massinha fina e branca que os católicos comem na hora da missa. A escolha foi de Júlia; sua mãe era espírita, mas não se opôs.

A igreja do bairro, pouco iluminada, cheirava a madeira queimada e úmida quando provou a hóstia:

- Isto tem gosto de macarrão cru. Pensou, enquanto voltava com os olhos baixos a seu assento imitando os demais. No alto falante *Ave Maria* de Bach e Gounod. Não se sentia no céu.

Depois daquele dia, passou a frequentar cada vez menos a igreja. Mas, todas as noites, continuava repetindo as orações que decorara no catecismo, sempre a se desculpar por algum ato que considerava pecado. Deus via seus pensamentos.

Os peitos começavam a aparecer; doíam. Bunda e coxas engordavam. Entre o umbigo e o coração, um vulcão prestes a explodir.

- Logo, logo vira mocinha, orgulhava-se a mãe.
- Quero tanto continuar criança, meu Deus... -
Orava diariamente.

Quarenta graus e ela catava conchinhas na praia de Copacabana. Férias escolares e o encontro

anual com o pai. O sol descia. A maresia exalava sal e peixe podre. Pequenas ondas batiam em suas pernas e molhavam o short. Novamente aquela sensação de que uma erupção aconteceria dentro dela a qualquer momento.

Em casa, percebeu uma pequena borra escura em sua calcinha branca. Uma sensação estranha.

- Deve ser a mancha da roupa úmida - tentava se convencer.

Não contou a ninguém sobre o ocorrido; nem sabia o que fazer. Qualquer solução passaria por um adulto e a menina não confiava em nenhum deles.

Tomou banho, trocou de roupa; mas outra mancha se formava. Lembrou que sua mãe sempre usava aquela coisa fofa na calcinha. A única ideia que lhe ocorrera foi colocar algodão por dentro da roupa para que não vazasse, e ninguém percebesse a sujeira.

- O que farei amanhã quando formos ao parque de diversões?

O vulcão intensificava a pressão. Vestiu uma bermuda preta para não evidenciar qualquer mancha.

Dia interminável: roda gigante, montanha russa, chapéu mexicano, tobogã, festival de sorvete, carrinho bate-bate. O barulho de pessoas e brinquedos misturava-se às músicas no parque. Não conseguia se divertir e fingia estar bem.

Cada vez que ia ao banheiro, sentia um fluxo vermelho vivo jorrando e se acumulando naquele pequeno punhado de algodão. Era oficial: estava

no inferno. Não via a hora de se livrar de toda aquela sujeira entre as pernas.

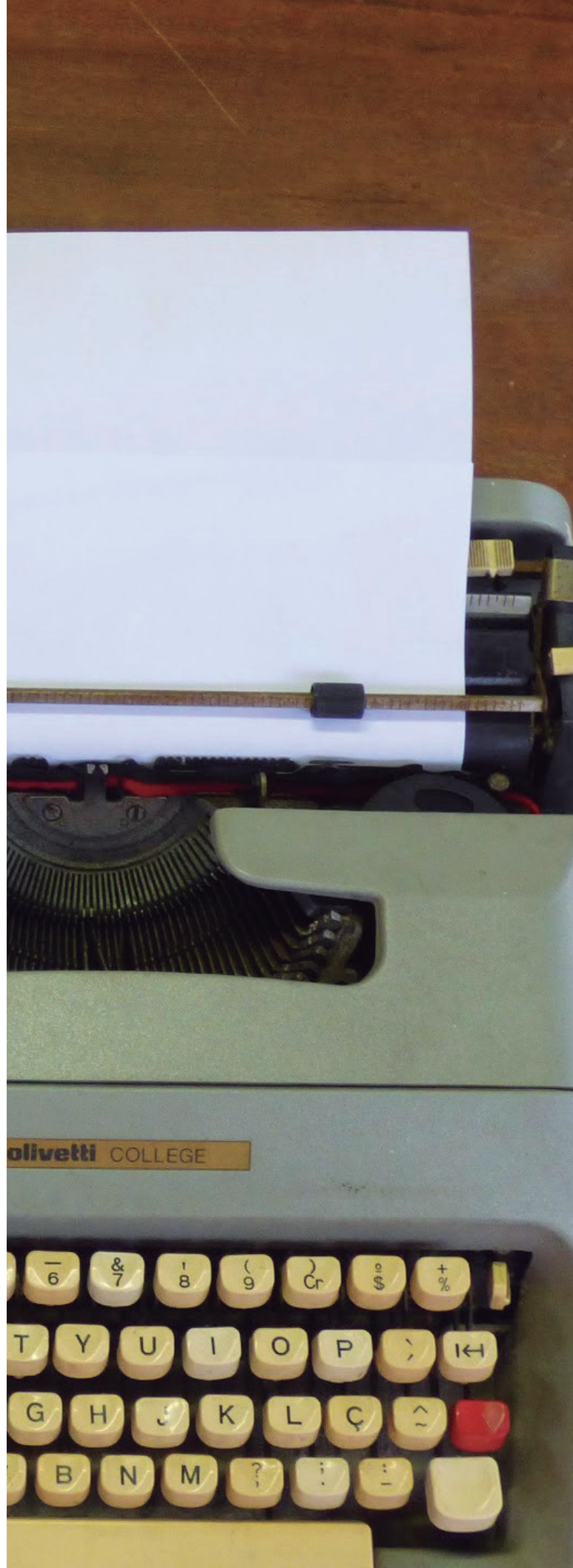
Ao chegar em casa, o banho foi sua redenção. Ao contrário do dia anterior, não se lembrou de jogar fora a roupa suja.

Sua madrasta entrou no banheiro depois dela e entendeu tudo. Deu-lhe absorventes e as instruções de como proceder dali pra frente.

Júlia morria de vergonha. Ao se deitar naquela noite, uma angústia dava lugar ao vulcão. Ao contrário da oração de sempre, tentava entender o que acontecia.

– Deus, por que me castigou? Eu pedi tanto para continuar criança. Sempre fui boa menina, mas você me colocou neste inferno.

A criança, a inocência e deus morriam naquele dia. Mas a culpa cristã e aquele vulcão sempre prestes a entrar em erupção, entre o umbigo e o coração, a acompanhariam por toda a vida.☪



A traição de Capitu

Edir Alonso

Edir Alonso é professor de literatura, apaixonado pela magia dos livros e pela arte de ensinar. Começou sua formação com fábulas que ouvia na infância. Leu por prazer em casa, por obrigação na escola e formou-se em bacharel em Direito. Sentiu-se torto e decidiu que queria ganhar a vida contando histórias. Há 17 anos vem produzindo brilho nos olhos de quem sonha em conquistar um lugar na universidade.

Agora falando sério.

É incrível que, mesmo num país iletrado como o nosso, uma obra literária complexa, psicológica e repleta de referências intertextuais como *Dom Casmurro*, se torne um debate tão popular, despertando opiniões tão contraditórias e discussões tão acaloradas.

Machado é gênio, ponto.

Mas esse fascínio pela suposta cornitude de Bentinho também tem razões profundamente ligadas à nossa identidade, aos alicerces da nossa cultura e da sociedade brasileira.

Resumo grosseiro da ópera: um homem envelhecido e ocioso, de família abastada, possessivo e paranoico, conta, entre o rancor e a nostalgia, o seu insucesso amoroso. Uma voz masculina, uníssona, que se quer inquestionável, realiza o inquérito sobre a sua frustração. Acusa, julga e condena a figura feminina, à qual não cabe vez, nem voz para se defender de um linchamento moral.

Dom Casmurro é a metáfora de uma sociedade desigual, elitista, patriarcal, machista e, portanto,

injusta. Bentinho é o porta-voz desses valores e, autoritário, não nos dá o direito ao contraditório, impondo sua versão da história como verdade absoluta. Bento Santiago é a família tradicional brasileira. É o patriarcado. São as nossas oligarquias. É a nossa classe política. É o nosso judiciário autocrático. Nossa imprensa corporativa. Nosso fetiche pelo autoritarismo.

O que Machado nos ensina, a partir de seus narradores vaidosos, é a lidar com essa voz envelhecida, prepotente, exclusivista e excludente com desconfiança. Nos instiga a desconstruir essas aparentes certezas e nos convida à construção de outros discursos, de novos sentidos para o texto e para o mundo que nos cerca.

Traição? Traição é tomar o partido do opressor.

Poema

Um elefante paralisa o trânsito.
Prejuízos, Caos, Histeria, Espanto...
Bombeiros! Chamem a polícia! O exército!
Prendam aquele monstro paquidérmico!

O bicho imóvel defecou solene
Na escultura em bronze do Marechal
Foi então acusado o gigante obsceno
Por atentado à honra nacional

A tv transmite em tempo real
Cidadãos apedrejando o animal
Um preto anônimo morre pisoteado
Ambientalistas escandalizados

Disputam socialites, socialistas
Evangélicos, gays e ativistas
Neonazistas e anarco-liberais
O elefante nas redes sociais

Protestos: uns clamam pela vida

Outros pelo direito de ir e vir
O trânsito está um inferno! Que horror!
Houve queda na bolsa. De valores.

Grupo liberal faz a alegação:
A tromba do elefante é pornográfica!
As feministas: é uma ofensa fálica!
Os comunistas: acumulação!

Eis que o juiz sentencia a prisão:
Dez anos por Perturbação da ordem
O acusado resiste enquanto pode.
Tiros, tiros, tanques, uma explosão.

Acabou o problema, a imprensa informa.
A massa acompanha causas e efeitos
Enquanto o governo aprova a reforma:
Ao bicho e ao povo os mesmos direitos.

Edir Alonso ☞

Très scatologique

Patrícia Coraza

Analista Jurídica no Tribunal de Justiça de Santa Catarina desde 2010, formada em Direito pela Universidade de Taubaté/SP em 2004. É ávida leitora, desde que se conhece por gente, fã incondicional da Agatha Christie. Descobriu-se como escritora no blog umlivroumconto.blog, onde fala de suas experiências, dores, alegrias, além dos livros que a cativam e emocionam.

Tenho o costume de seguir escritores no Instagram e, sempre que posso, pego alguma dica de leitura. “O discreto charme do intestino” foi um destes casos. O livro tem uma linguagem didática, muito embora trate de questões bem científicas. Ele explica o funcionamento do intestino e o papel crucial das bactérias na nossa vida. O que mais me impressionou foi a premissa de que esse órgão funciona como um segundo cérebro. A autora comenta também sobre a interferência do intestino no nosso estado de ânimo e como a depressão pode ter ligação direta com ele. Vale a pena a leitura, para desmistificar o assunto.

Falando em desmistificar o assunto, a verdade é que o tema sempre teve um espaço importantíssimo na minha vida. Claro, como mulher, eu aprendi que tinha que me comportar direitinho, tipo menina princesa, que não caga e nem peida. Enquanto isso, eu via os meninos brincando entre si de concurso de pum, competindo para ver quem peidava mais alto. Os homens foram criados para se divertirem e gozarem a vida.

Dentro deste contexto, eu costumava temer as reações intestinais. Passei por muitas situações que me causavam extremo desconforto, desde os barulhos – denominados borborigmos – que mais

parecem um peido por dentro, até as dores de barriga alucinantes, do tipo “preciso cagar agora”.

Por conta disso, minhas decisões sempre levaram o intestino em alta conta: o que comer antes de ir para a faculdade ou para o trabalho; acordar com duas horas de antecedência, para dar tempo de tomar café e ir ao banheiro; evitar lugares silenciosos. Ou seja, sempre vivi agoniada com a possibilidade de ter algum imprevisto. E isso me provocava intensa ansiedade.

Quando conhecia alguém, a ideia de que a pessoa pudesse flagrar algum momento desfavorável me deixava angustiada. Como eu poderia namorar alguém, ir ao banheiro e soltar os meus puns à vontade? Como eu aguentaria segurar todo esse gás aqui dentro, sem explodir num simples movimento descuidado?

Sem falar na hora H – acho tão brega essa expressão, mas confesso que não consigo pensar em outra melhor –, quando batia aquela vontade insustentável de soltar um *petit* pum inocente. Para manter a dignidade, além de me concentrar no que eu estava fazendo, eu precisava dar aquela trancada. Não é fácil.

Posso afirmar com toda a segurança do mundo que eu tenho uma senhora habilidade, conquistada com anos de experiência, em segurar os gases lá dentro. Também já testei alguns remédios e garanto: Luftal não adianta muita coisa – pelo menos no meu caso; o bom mesmo é o carvão vegetal. Esse faz milagre.

No início do namoro, quando passava o final de semana no apartamento do meu namorado, eu me angustiava com a ideia de que iria passar por horas de aflição para segurar os gases durante a noite, e com a probabilidade de ter dores de barriga. Ao invés de aproveitar o namoro, eu sofria.

Depois de algumas semanas, eu percebi que ele usava um protetor auricular para dormir, porque precisava de silêncio absoluto. Uma bênção! Para mim foi a liberdade! Alguém consegue imaginar o tamanho do meu sorriso depois dessa constatação?

Quanto à dor de barriga, bastou um simples episódio para acabar com qualquer vergonha. Num final de semana, estávamos assistindo a um filme no apartamento dele, que só tinha um banheiro. Como o lugar era pequeno, dava para escutar tudo. Pedimos lanche: ele, um x-salada; eu, um x-bacon egg. Esqueci o meu probleminha e assumi o risco. Em questão de minutos, minha barriga começou a reclamar e eu tentava disfarçar a dor. Suando frio, levantei rápido, disse que precisava ir ao banheiro. Ele pausou o filme. Eu disse que não precisava, que era só um xixi rápido. Ele insistiu, porque para ele, todo segundo do filme importa. Desesperada, eu fui ao banheiro. Não tinha como não ir. Foi uma cena de filme de terror. Barulho tipo fogos para avisar que chegou a droga, sensação de que pelo menos uns dez aliens saíam da

minha bunda. Eu não tinha o que fazer, só esperar aquela lava de vulcão ser expelida do meu corpo. Minha vontade era deitar no chão do banheiro, em posição fetal, até que tudo aquilo acabasse.

Terminei o serviço, limpei o que precisava – aliás, esta parte levou muito tempo -, voltei para o quarto e encarei o meu namorado. Ele me olhava com um pouco de pena, um leve sorriso no rosto e uma expressão de terna solidariedade. Senti meu rosto queimar, mas só me restava aceitar. Deitei ao seu lado e ele me abraçou.

A partir desse dia, eu desencanei, e percebi que assim é muito melhor. Eu não preciso fingir que sou princesa, até porque eu nunca fui princesa. Se eu pudesse escolher, escolheria não ser assim. Mas eu sou produtora de gases, e não sou a única. Acredito que existem muito mais mulheres como eu por aí. A questão é que vivemos escondidinhas, dentro de uma prisão, esperando para sermos libertadas dessa opressão intestinal.

Mulheres, libertemo-nos! O escatológico também é belo. ☾



“Vestígios de luz”.

*Foto de Cyntia Silva. Catedral de sal em Zipaquirá,
Colômbia, 2018.*

Time lapse - um salto no escuro

José Maurício Coelho

52 anos, natural de Florianópolis, casado, pai de dois filhos. Atualmente é executivo de uma indústria instalada nos arredores da cidade. Graduado em Filosofia pela UFSC, sempre se interessou por literatura. Morou três anos fora do Brasil em cidades da Suíça e Argentina, onde teve contato com a literatura Latino-Americana e onde busca suas principais inspirações. Este e alguns de seus textos estão em: olhenosolhosdoze.blogspot.com

Está tudo certo. Já fecharam os meus olhos e agora é só esperar o tempo passar. Na verdade, nem sei se a palavra “esperar” cabe aqui no sentido de quem espera. Tem mais lugar se pensado como a ação de ter esperança.

Se tenho a esperança de que o tempo vai passar, significa que quero sobreviver a essa loucura. Mergulhar em um sono profundo que vai durar oitenta e dois anos é mesmo um desafio ao qual somente um louco como eu estaria disposto a submeter-se.

Não foi uma decisão tomada num rompante. Foi mais rápido que isso. Quando vi a notícia de que o governo havia autorizado a Agência Ânima a buscar voluntários para esse experimento, logo pensei: isso é pra mim. Imediatamente cliquei no *link* que dizia “quero acordar em 2100”.

Não tenho herdeiros. Não tenho família. Minha vida está uma merda mesmo. Encaixei no perfil de voluntário: “um fodido, do gênero masculino, saudável, com idade entre 25 e 35 anos, que não tenha muita perspectiva de vida no momento, mas que queira continuar jovem por muito tempo...”

Caguei pro presente...

Como tive que escrever a lista dos meus pertences que serão colocados em uma caixa grande a ser aberta somente quando eu acordar (assim espero) em 2100, passei os últimos três dias catalogando a tralharada toda:

Violão Takamini ano 1988, uma relíquia; coleção de livros do Charles Bukovsky, 16 ao todo, o melhor da literatura dos sem rumo; dois dentes de ouro que herdei do meu avô; cinco pares de tênis velhos com os cadarços arrebentados; cinco botões de casacos que já perdi; um cinto preto de couro com fivela enferrujada; uma máquina de escrever Olivetti com cáries; um banquinho mocho com uma perna mais curta que as outras; meu álbum incompleto de figurinhas da copa de 2014, só pra me lembrar que tudo o que está ruim pode um dia piorar; um caderno de anotações amarradas; alguns documentos pessoais; dez edições da revista *Playboy*, isso vai valer uma nota no futuro; poucas fotos da minha infância; uma xícara sem asa; um bule e um coador.

Eu gostaria de separar também algumas lembranças, até porque não sei se minha memória estará intacta no outro lado desse abismo onde vou me atirar daqui a pouco, mas não deu tempo. Eu teria gravado um áudio ou escrito alguma coisa. Mas também não sei se vou querer me lembrar. Tem sido tudo tão insólito, demasiadamente inosso, sem gosto, um asco. Um saco!

Ouçõ uma voz:

- Senhor Matuza, tudo bem? - Matuza é o nome que escolhi pra participar do programa - O Senhor está pronto para o início dos procedimentos? Vamos injetar o líquido anticongelante em suas veias, reduzir aos poucos os movimentos do seu coração e iniciar o procedimento de criopreservação. Todo o processo é indolor. Estaremos aqui todos os dias, todas as horas dos próximos oitenta e dois anos.

Esse cara tá de brincadeira. Daqui a oitenta dois anos ele vai estar mais gagá do que a Dercy Gonçalves. Eles estão é querendo me enganar. Mas tudo bem. Faz parte do jogo. Eles fingem que gostam de mim e eu finjo que acredito. Esse troço que colaram sobre minhas pálpebras não me deixa abrir os olhos. Bem que eu queria dar uma espiada na cara desse mentiroso de merda.

Agora uma voz feminina, quase sensual, quase encorajadora, me diz para me acalmar que o anestésico vai entrar em ação aos poucos. Vou sentindo a gostosura daquela voz. Estou me sentindo mais tranquilo e vou mergulhando no barato do Michael Jackson nos braços de Morfeu. A voz vai sumindo e sumindo e...

- Senhor Matuza, tudo bem? O Senhor está me ouvindo? Sinto um gosto ruim na boca e aos poucos vou recuperando os sentidos que me fazem vivo.

- Já sei. A experiência não deu certo. Faltou luz?

- Nada disso, Senhor Matuza. Seja bem vindo ao século XXII.

- Vocês estão de brincadeira. Acabei de apagar naquela banheira de piguim que me colocaram.

- Correto, Senhor Matuza. Como a atividade cerebral é interrompida completamente durante a criopreservação, o paciente não consegue ter a noção do tempo decorrido entre o início e o fim do processo. Sua ressuscitação ocorreu de forma tranquila, conforme o planejado. Hoje é o dia 21 de janeiro de 2100.

Merda! Não é que o troço funciona mesmo? O que será que esses caras têm reservado pra mim nesse mundo novo?

Roupas novas, um pouco simples demais, tudo cinza. Um conjunto bem elegante. Deram uma ajeitada no meu cabelo. Tiraram a minha barba. Está tudo ali. Eu só sinto uma dor de cabeça fraquinha mas constante. Parece que tem um porco fuçando nos meus miolos.

- Uma pequena tontura e dores de cabeça serão normais nas primeiras 48 horas. Não se preocupe, Senhor Matuza.

Esses caras já estão me enchendo o saco.

- Agora precisamos apresentá-lo ao novo mundo. Passe por favor.

Uma porta automática se abre e eu vou caminhando na frente em direção a um *hall* todo iluminado. Essas luzes me incomodam. Um homem completamente sem cabelos vem em minha direção. Como ele é o único que usa uma cor diferente, está de verde quando todos os outros, inclusive eu, estamos de cinza, imagino que seja o dono dessa porra toda.

Que bosta! Onde eu fui me meter?

Esse esquisitão me pega pela mão e vai me levando pra um lugar aberto, na rua. Um jardim bonito. Parece aqueles casamentos de bacanas. Com muita gente. Um povo esquisito mesmo. Me olham como se eu fosse um alienígena. Aí, pelo discurso do careca fodão, eu fico sabendo que sou o primeiro. Não que não tenham tentado antes. É que os outros não acordaram. Que sorte!

- Senhoras e Senhores. Eis aqui a prova de que o tempo pode ser vencido. Com o passar dos anos, a Corporação *Ánima* conseguiu evoluir em muito o processo de criogenia, havendo hoje mais de mil voluntários em curso. Alguns estão programados para acordar daqui a quinhentos anos.

Todos aplaudem. Toca uma música chata que mais parece um bate-estacas de festa Rave. Já sei. Isso é uma festa Rave. Estão pregando uma peça em mim. Esses caras são foda mesmo. Tudo isso? Não acredito.

Aí uma mulher bonita se aproxima e me leva até uma sala onde começam a passar imagens em um telão. Cada minuto desse filme representa uns 10 anos da história recente. Em menos de 10 minutos me mostram tudo o que aconteceu enquanto eu dormia. Que sorte que eu tive. Só deu merda.

Aquele porra louca do Trump quase acabou com o mundo. E o bosta do presidente da Rússia, que, de tão narcisista, decidiu atacar a China, seu aliado. Os chineses não se contentaram e colocaram satélites armados com laser no espaço. Aí quase que eu ia descongelar mesmo era no fogo do inferno. Depois desses loucos, vieram os pacifistas e humanistas denovo, aí vieram mais uns loucos e agora dizem que está tudo bem. Espero que sim, senão eu volto praquela banheira de gelo e digo que me acordem só lá no ano três mil.

Estou quase acreditando que é tudo verdade. Mas pelo menos essa mulher é bonita. Ela sorri pra mim. Não sei quais as intenções dela, mas espero que transar não tenha caído em desuso nesse tempo.

- E aí, bonitona. Você vem sempre aqui? Que tal uma bebidinha pra quebrar o gelo? ☪



“Momento aprisionado”.

Foto de Cyntia Silva.

Florianópolis/SC, 2015.

Olhos mecânicos

Larissa Fionda

Larissa F. F. Alves, 27 anos, é natural de Florianópolis e pode ser facilmente encontrada com a cara enfiada em algum livro. Vive com milhares de fragmentos de histórias girando dentro de sua mente, coletando-os e moldando-os, pedaço por pedaço, para dar forma a todas as que deseja contar.

A diferença entre humanos e máquinas foi há muito esquecida; nós somos parte delas, elas são parte de nós. Seu metal frio e engrenagens poderosas estão em nossos corpos. Nosso cérebro está escondido por trás dos mais poderosos computadores, atuando como os mais incríveis sistemas operacionais. Nós nos fundimos e superamos nossos limites, nos transformando em algo maior. Algo mais perigoso.

Meus olhos defeituosos foram substituídos por novos no dia em que nasci. Meus olhos orgânicos foram jogados no lixo e olhos mecânicos foram colocados em seus lugares, obtendo sucesso onde minha humanidade havia falhado. Nesse mundo, um humano só é defeituoso se ele quiser; tudo pode ser consertado, tudo pode ser melhorado. Você só precisa sacrificar um pouco de sua humanidade para isso.

Ou quase toda ela, se a imortalidade é o que você deseja alcançar.

Corpos orgânicos perecem, mas máquinas não. Transferindo sua consciência para um corpo robótico, você será capaz de viver o quanto desejar. Décadas. Séculos. Milênios, talvez. A velhice e a morte já não são mais coisas a serem temidas. Não enquanto existirem bons mecânicos e dedicados cientistas. Não, enquanto a ciência andar a passos largos em direção a um futuro assustadoramente promissor – ao menos é o que nossos governantes dizem.

Mas sempre há aqueles se mantêm fiéis a sua humanidade; aqueles que se recusam a serem tocados pelos Mecânicos e suas ferramentas de melhoramento. Pessoas que são capazes de conviver com seus defeitos, com cada imperfeição que os acompanham desde seus nascimentos ou com as que encontraram no meio do caminho da vida. Pessoas estranhas que querem ser cem por cento

orgânicas e zero por cento máquina. Primitivos é como os chamamos; seres presos a um tempo muito antigo e quase esquecido; um tempo temido por aqueles que vivem nos dias de hoje, depois da Junção. Tolos, é o que somos instruídos a pensar sobre eles – mas às vezes me pego questionando se os tolos não somos nós.

Sem meus olhos mecânicos, eu não seria capaz de enxergar o mundo ao meu redor, mas... será que esse é o mundo que eu realmente quero ver? Esse é o mundo que as pessoas do passado realmente desejavam alcançar? Ou será que havíamos nos perdido, mas fomos teimosos demais, cegos demais para nos dar conta disso?

Eu não tenho respostas para essas perguntas e temo que nunca as irei ter.

Fecho meus olhos por um momento, sentindo o metal gelado de meus olhos contra a pele quente de minhas pálpebras. Parte humano e parte máquina. Orgânico e artificial. Sou dois mundos que se encontram em um único corpo. Sou nascido. Sou fabricado. Sou algo desejado no passado e talvez temido no futuro. Sou o que pode trazer esperança para o futuro ou destruir a possibilidade de existir um. ☾



“Miragem”.

*Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC, 2017.*

Um olhar

Luciano Machado

Bacharel em Administração e analista bancário. Nas horas vagas, gosta de buscar conhecimento e de escrever com o objetivo de compartilhar ideias, sentimentos e criatividade. Gosta de se comunicar com as pessoas, desenvolvendo uma sintonia fina. Acredita que esses valores contribuem para tornar o mundo um lugar melhor e que a escrita é uma das formas de se expressar para isso.

Um homem prestes a completar trinta e cinco anos. Realizando um curso de gerenciamento de equipes, em um lugar isolado, em meio à natureza. Ainda sentia um certo desconforto com as técnicas utilizadas durante aqueles encontros quinzenais. Carregava o peso da timidez desde criança, e as dinâmicas em grupo eram enfrentadas com temor. Após o aquecimento habitual, com exercícios de relaxamento e introspecção, foi solicitado aos participantes que andassem pela sala ampla e envidraçada. Livres para caminhar da forma que desejassem, foi feita uma única exigência. Ao passar próximo à outra pessoa, deveriam apreciar os olhos um do outro. Com uma música inspiradora de fundo, todos entraram em movimento.

Ele, instintivamente, fugiu para a lateral da sala. Admirou a bela paisagem lá de fora, antes de respirar fundo e se voltar para dentro. Não tinha como se esconder. Com um sorriso nervoso, encarou um par de olhos castanhos que se aproximavam rapidamente. Para seu alívio, também estavam com pressa de ir embora. Sem saber ao certo como reagir, parou para esperar os olhos cor de jambo, que faiscavam uma alegria que lhe parecia desproporcional. Espreitou-os como havia sido instruído, mas não conseguia alcançar profundidade. Desviou dos olhos azuis, mudando repentinamente de direção. E de longe, viu se aproximarem janelas castanhas esverdeadas. Se identificou de imediato, pois, além de serem da mesma cor dos seus, se aproximavam de forma lenta e tímida. Foi fixando a mira com curiosidade, desfazendo o sorriso congelado. Vendo que havia interesse do outro lado, com sutileza, foi abrindo ainda mais os seus olhos. Ficaram frente à frente por um breve instante, e as janelas se fecharam para ele, seguindo em frente. Foi a primeira vez na vida que experimentou o que decidiu chamar de “um olhar”.

Certo de que havia descoberto algo importante, tentou manter aquelas sensações vivas em sua mente. Ficou perplexo com aquela experiência, de ver e sentir outro ser, sem a superficialidade a que estava acostumado. Todos os julgamentos que havia feito anteriormente sobre aquela pessoa, como estética, profissão, simpatia tinham se esvaziado naqueles poucos segundos. Queria sentir aquilo novamente e, ao retornar para casa, tentou por três vezes um contato visual com a sua esposa. Desistiu, após ela lhe perguntar desconfiada: você tem alguma coisa importante para me contar? No trabalho, tentou a mesma coisa com seu amigo, que desviando o olhar, lhe disse: você voltou meio estranho desse seu curso. Compreendeu que precisaria ser mais discreto, a grande maioria das pessoas não está acostumada a ser olhada de forma direta. Esse comportamento poderia ser interpretado de diversas formas.

Na mesma semana, retornando para casa após o trabalho, foi abordado por um mendigo na rua, em um dia frio e chuvoso. Tentou se desvencilhar rapidamente, mas o pedinte foi insistente. Se viu obrigado a falar alguma coisa, partindo para as justificativas de sempre. Enquanto falava, seus olhos observavam os pés descalços, pulando para a roupa rasgada, e depois para o cobertor arrastando no chão molhado. Em meio ao mau cheiro, ouviu suas objeções serem rebatidas uma a uma. Isso o fez olhar diretamente para o maltrapilho. Não sabe por qual motivo seus olhos procuraram imediatamente os olhos dele. E uma ligação legítima foi se formando; estava experimentando novamente “um olhar”. O mendigo não parava de falar, enquanto ele, sentia uma ternura inexplicável. Não se tratava de pena, nem compaixão. Naqueles poucos segundos, admirou o ser e não a sua condição de rejeito da sociedade. O rapaz impaciente fez alguns gestos bruscos, quebrando a magia. Sacou a carteira, recompensando-o.

Com o tempo, após reproduzir a experiência com diversas pessoas, sentiu que a prática afinava o instrumento. Condicionando o seu olhar, e mantendo a curiosidade, desenvolveu uma capacidade de ver o que antes passava despercebido. Tinha feito uma nova descoberta: “um olhar” não funcionava apenas com pessoas. Já havia obtido o mesmo efeito com animais, plantas, obras de arte, lugares, cada qual com a sua singularidade. O feio podia passar a ser bonito, e a desconstrução não o chocava. Viu o novo em lugares conhecidos. Ciente de que não bastava querer, aprendeu que era preciso estar em uma sintonia fina. Não forçava mais as situações, deixava o processo acontecer naturalmente. O diferencial era estar atento às oportunidades, não deixar a sequência que levava ao “flow” se quebrar, seguindo sempre a sua intuição.

Para ele, “Um olhar” não se tratava dos fótons de luz estimulando as células das retinas, sendo transmitidas ao córtex visual, e viajando em seguida pelas outras áreas do cérebro. Tampouco, da capacidade do olho humano de detectar milhões de ondas luminosas diferentes. Era um estado de presença que envolvia: as sensações; a imaginação; o emocional; e o pensamento. Todos esses elementos, agindo em conjunto, transmitiam um estado de presença divino. Um prazer sutil, comunicando a certeza de que a existência não era um acaso. Disse que, ao entrar nesse estado, não havia espaço para outros pensamentos. Essa espécie de transe poderia durar milésimos de segundo ou minutos.

Marcos me confidenciou todas essas histórias, logo após nos tornarmos amigos. Estávamos na minha casa e, até então, o considerava apenas um colega de trabalho, apesar de suas tentativas de se aproximar. Conversávamos com mais pessoas ao redor e, em algum momento, falamos algo sobre a amizade. Naquele instante, olhei para ele e não consegui mais desviar o olhar. Ficamos em silêncio, e eu tive a certeza de que ele estava pensando a mesma coisa que eu.

Somos amigos. - Disse ele.

Amigos de alma. Disse eu, sem saber de onde vinha aquela emoção.

Seus olhos lacrimejavam, ela havia descoberto que “um olhar” podia ser compartilhado. Fomos para o mezanino, e ele me contou sua versão sobre o que tinha acabado de acontecer. Falou das suas experiências, e de como elas vinham enriquecendo sua vida. Durante essa conversa, me veio a lembrança de já ter experimentado essa sensação. Contudo, nunca havia tomado consciência da sua singularidade. Era apenas mais uma das reações emocionais da mente. Refleti sobre o quanto estava relegando meus sentimentos ao deixar tudo no automático. Faltava percepção e curiosidade sobre os acontecimentos da vida.

Após Marcos nos deixar, me tornei praticante de “um olhar” mais intensamente. E, devido a ele, resolvi escrever esse texto. Foi no dia em que resolvi subir a encosta de uma montanha que me levou direto a um despenhadeiro sobre o mar. Procurei uma pedra que proporcionasse uma visão aberta. Sentei, tirei o boné, dei um gole na água. Aos poucos minha respiração foi se aquietando, assim como meus batimentos cardíacos. Fui ficando introspectivo, levantei a cabeça, e aquela linda paisagem foi me amortecendo. Apesar de ser um dia totalmente encoberto, via uma luz, um brilho na paisagem. Estava entrando

em “um olhar” e senti a presença de meu amigo Marcos. Fechei os olhos e continuei a ver toda aquela beleza. A espuma das ondas quebrando até faixa de areia branca, a montanha do outro lado da praia. O penhasco e as ondas estourando no costão logo abaixo. Ouvi um grito de gaiivota e, imediatamente, me vi voando com ela, contornando os rochedos, planando sobre o mar, acompanhando as ondas. Uma mente em paz, uma alegria gerada internamente, uma satisfação por estar vivenciando aquele momento. Mais uma revelação, “um olhar” podia ser experimentado com os olhos fechados.

Perguntei a Marcos se ele já sabia disso. Não obtive uma resposta direta, apenas me veio uma sensação muito forte de que essa forma diferente de ver a vida acontecendo podia melhorar o mundo. Era ele me respondendo: “Compartilhe com as pessoas”. ☪



“Vovô Mundinho”.
Foto de Geraldo Maia.
Natal/RN, anos 90.

Vovô Mundinho

Benito Maia Barros

Nasceu em Macau/RN (1957 - 2010), foi poeta, escritor, artista plástico, professor e pesquisador. Fundou, com alguns amigos, a Imperial Casa Editora da Casqueira na década de 1990 e formou um grande biblioteca de obras sobre o Rio Grande do Norte. Pautou sua vida na luta pelos oprimidos e a expressou em sua poesia, sua maior produção literária. Este poema foi publicado em seu livro “Réquiem para o infinito”, pela Imperial Casa Editora da Casqueira, em 2002.

a minha mãe, Teresinha M. Barros

Rê-a-rá
Ipsilone-rai
Mê-nê-mun
Dê-o-dó.

Vovô Mundinho era antigo.
Maia e Silva, o Raimundo
do século passado,
nasceu no segundo
dia do segundo
mês do ano segundo.

Tinha de se chamar Raimundo.
Era antigo.

Contara-me de sua fuga
de Lampião, em Mossoró...
no colo, tia Socorro
(que era apenas Maria.
Mais tarde,
vez em quando,
ela me socorria,
pois trazia, igual meu avô,
dos antigos a bonomia.)

Por aquele tempo
- tempos de Lampião -
era telegrafista da estação
e com seus olhos de profundo azul
fazia cumprir a profecia
de virar mar, o sertão.

Vovô Mundinho
fazia jus ao nome:
pouco falava
e sua vida,
restrita
ao lar, à igreja, ao trabalho
- todos bem próximos.

Parecia, em sua calma antiga,
ter corroído
o vigor presumido
na fuga empreendida.

Meu avô era antigo
como antigos eram
seus silêncios,
seus sorrisos.

Ajudava as missa na Igreja do Galo
e vivia quase
franciscanamente
(deveria ter se chamado Francisco,
o que também não seria uma solução,
mas como era vasto
o seu coração!)

Meu avô vivia quase.
Nunca revelou um ódio,
uma paixão sequer.

Para além do sorriso brando,
macio como o voo planado
das garças,
era paciência
Quase um Jó.
Vejo agora:
aquele mundinho
era plena tentação.
Despachante, o ofício
mais apropriado
- além do de meu avô -
para purgar pecados,
converter revolta em santidade
antes mesmo que aquela apareça!

Purgava um mundo inteiro
de pecados alheios
no purgatório burocrático
sempre quase em silêncio
sorrindo.

A última vez que o vi,
já bastante velho,
pouco denunciava
de seu antigo ofício.
Trazia apenas o ar solene
das igrejas antigas
pejas de cantos monocórdios
e
uns olhos cansados a lembrarem
dois surrados ténis Conga.
Rê-a-rá
Ipsilone-rai
Mê-nê-Mun
Dê-o-dó. ☪



“Gratidão a Gaia”.

Foto de Cyntia Silva.

Escultura na Catedral do sal, Zipaquirá, Colômbia - 2018.

Carlos Nogueira

Nasceu em Aracaju (SE), em 1988. É formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e trabalha no Tribunal do Trabalho de Santa Catarina (TRT-SC). Como poeta, foi premiado em diversos concursos literários nacionais, sendo publicado na antologia do I Prêmio de Literatura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), em 2016. Estes poemas são de seu primeiro livro, “Amar sem advérbios”, lançado em 2018, pela Tripous Edições, de Florianópolis. Para saber mais sobre o autor: <http://carlosnogueira.net>

Amar sem advérbios

Olhar

Ansioso por ser feliz, o humano
infeliz quer da tristeza dar cabo.
Sai pulando então de plano em plano,
como um cachorro atrás do próprio rabo.

Mal sabe ele que incorre em engano,
pois, para ser feliz de cabo a rabo,
não é preciso ser tão leviano:
basta olhar para si sem menoscabo.

Tal qual quem usa óculos no rosto,
mas ainda assim vive com desgosto
(por mal enxergar o que está à frente)

e em busca de alterar a situação
passa a vida trocando de armação
quando bastaria limpar a lente.

Amar profundo

Aquela mulher era o oceano.
O medo dele: não saber nadar.
Foi por isso que cometeu o engano
De preferir o raso a mergulhar.
Porém, foi ingênuo em seu plano
Criado para não se afogar.
Se ele tivesse dito “eu te amo”
Viraria um peixe naquele amar.

Lamento

Arreponder-se é implorar perdão
a um cadáver chamado memória.
Melhor seria enterrá-lo
e, com a mesma pá,
abrir caminhos para uma nova história.
Levar-lhe flores, vez ou outra, tudo bem.
Ou então, no túmulo, fazer a ele uma dedi-
catória.
O que não dá é para mantê-lo assim
apodrecendo a céu aberto
como punição expiatória. ◀

Canção de anjo para anjo

Clara Cruz

Clara Schmidt da Cruz é natural de Porto Alegre-RS e reside em Florianópolis-SC. Começou a ler e escrever poesia ainda na infância, e a paixão pelas palavras permaneceu. Atua como psicóloga e psicanalista. Estes poemas são de seu livro “Sereias Súbitas” (Chiado Books, 2018).

www.claracruz.com.br

I

Em que canto da noite
você jaz adormecida?
Me leva pra esse lado,
bem pra lá, pr’ a Outra vida.

Em que quarto da morte
você mora escondida?
Deixa eu ir morar contigo,
que eu vou ser menos sofrida.

Em que quadro, em que espelho
você me espia entretida?
Lembra, amor, aquela vida
que de novelas era urdida?

Eu não sei mesmo viver
sem tocar nessa ferida.
Eu não sei querer mais nada
do que ser por ti querida.

II

Como está o dia-a-dia
deste lado aí da Vida?
Deste meu lado de cá
cada noite é mais comprida.

Como anda a correria,
o teu lado, a tua lida?
O meu lado anda frio,
e eu ando mal-dormida.

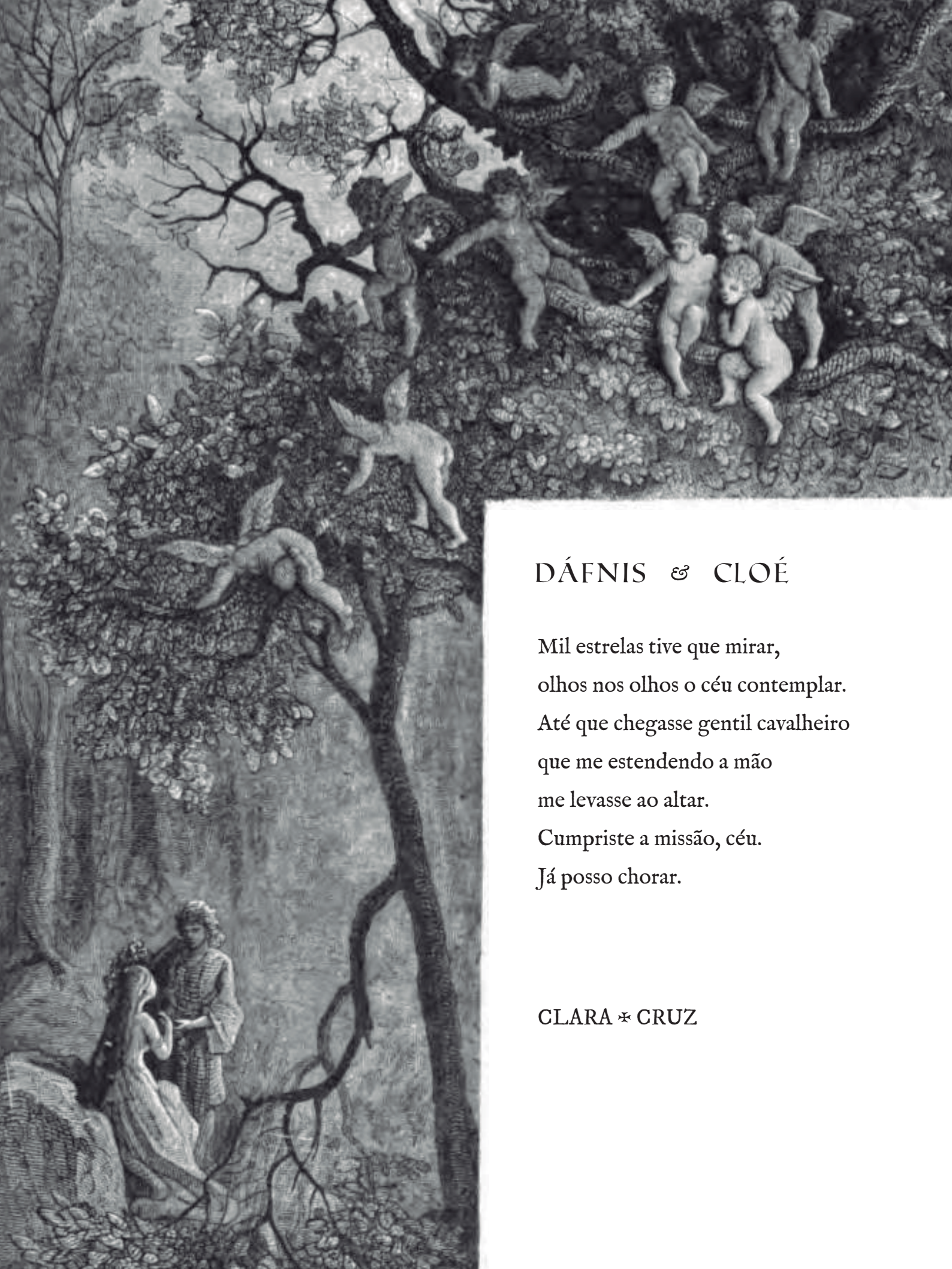
Como é amanhecer
sem que o sol tenha nascido?
Devo estar te procurando:
meu dormir perdeu o sentido...

Noite adentro, sono adentro,
sei que estou te perseguindo.
Aparece no meu sonho,
pr’ eu amanhecer sorrindo...

Como posso te encontrar,
mais de noite ou mais de dia?
De que cor está tua pele,
está quente ou está fria?

(Tão macia era tua pele
que amaciou a minha.
Fez com que ela recobrasse
um certo amor que ela tinha).

Como foi que me deixaste
tão sozinha deste lado?
Sou um anjo em um poste
em suas asas amarrado. ☾



DÁFNIS & CLOÉ

Mil estrelas tive que mirar,
olhos nos olhos o céu contemplar.
Até que chegasse gentil cavalheiro
que me estendendo a mão
me levasse ao altar.
Cumpriste a missão, céu.
Já posso chorar.

CLARA * CRUZ



“Neve”.

*Foto de Cyntia Silva.
Farellones, Chile - 2017.*

Neve

Ricardo Faion

Ricardo Faion é formado em Artes Visuais pela UDESC, é estudante de Direito e amante da filosofia. Aficionado pela literatura, dedica-se à escrita de contos infantis, histórias de terror e sobrenaturais. Publicou o livro A menina solitária e o gênio.

Escrevo na esperança de ser lembrado, pois a única morte encontra-se no esquecimento.

Por dias contemplo a imagem de minha jazida esposa em repouso. Vendo-a descansando, há poucos metros de mim, somente posso afirmar que ela estava certa. Apesar de amá-la, neste momento desejaria a cegueira:

Desejaria te esquecer. Desejaria ter a ciência que te encontras a sete palmos abaixo da terra.

Concentro-me em fugir das tuas recordações. Porém, mesmo minha atenção correndo em direção contrária, o simples descuido faz-me escapar, te encontrando quando declaras: “esquecer é uma benção”. As palavras ressoam de tua boca arroxeadada, destacada de tua pele, segundo minhas lembranças testemunham. Entretanto, mesmo sendo essas as imagens que me atravessam a mente, elas são falaciosas e a convicção me é impossível, já que hoje sofres desta palidez cutânea.

Desejo lembrar de nossos melhores momentos: de alguma alegre ceia de natal; de um final de semana à beira-mar; de uma cena de amor; ou até de alguma viagem em que não ficamos presos na neve.

Queria recordar as cenas banais do cotidiano; das vezes em que desperdiçamos nossas horas calados pela exaustão de mais um dia estressante de trabalho. Mas minhas memórias estão aficionadas no tempo, presas ao tártaro da lembrança, assistindo fixamente as tuas palavras: “esquecer é uma benção”.

Naquele dia, fugiste de frente do caixão. Eu a segui. “Eu não posso ver”, disseste. Sem entender, a segurei. “A beleza da morte é poder esquecer-la” - detive-me e te soltei.

Longe do falecido, e já afastados do velório, conversamos. Perdoe-me. Rememorando a cena, percebo que minha recordação é falha. Sou incapaz de descrever os detalhes. Entretanto, tuas palavras permanecem fiéis: “Nós não preparamos um gato para ser enterrado. Não como uma pessoa. Apenas cavamos um buraco e o colocamos lá. Já viste um gato morto? Espasmódico, contorcido, desfigurado depois de sofrer um ataque? Eu nunca vi; não consegui ver. Ele foi meu companheiro, desde a infância.

No começo, um vulto bastava. Me fazia esquecer que estava morto. Quando percebia a verdade, tudo era somente ilusão. Não queria lembrar dele naquele estado, desfigurado, dentro da cova. Por isso não vi. Hoje, não conseguirei ver. Não quero essas memórias, ele dentro do caixão. No fim, não me recordo do enterro. Quando tenho alguma lembrança, aquele sentimento de realidade, do fato ter realmente acontecido, parece virar fumaça. Esquecer é uma benção”.

Estava certa. Sempre estive. Hoje eu fugiria para não presenciar o teu velório. Faço sozinho a cerimônia, com poucas velas e estou obrigado a contemplar.

Há dias me encontro encarcerado em uma pequena cabana, soterrada por uma nevasca, revendo a face de minha esposa, chamuscada sobre a cor da neve, congelada sobre a cama. Juro que tentei tudo ao meu alcance. Mas a mazela a levou, deixando o envoltório vazio para me atormentar.

Eu estava triturando as poucas sementes que ainda restavam enquanto a chaleira apitava. Já havia posto na gorda xícara de chá a mistura de folhas e gengibre, seguindo fielmente as letras corridas da receita que escreveste. Ao colocar a água no copo, o vapor esquentou o meu rosto. Tenho vergonha de dizer, mas ele me aconchegou. Senti-me no teu colo, envolto em teus braços. Aquecido. Seguro no único local em que o inverno não consegue alcançar.

Envergonho-me de estar perante você e ter essas recordações.

Alimentei a lareira com a última lenha. Ainda busquei por roupas, lenços e lençóis que pudessem queimar. Mesmo assim, aquele ferro velho era insuficiente para aquecer todo o local.

Tome, meu amor, tome! Foram minhas últimas palavras? O chá irá te esquentar. Porém você não se moveu. Permanecia inalterada. Podes me escutar? Coloquei a xícara em tuas mãos na esperança de aquecê-la, mas permaneceste dura, rígida na cama, por mais tempo do que estou disposto a lembrar. Até o chá roubou o

teu calor e também se tornou gelado.

Passei a contemplar o teu imutável rosto, a tua dura expressão. Poderia continuar achando-te bonita? Pois continuei. E isso não foi um alívio. Aquela beleza se tornou distante. Eu queria possuí-la, tê-la, agarrar-te em minhas mãos e sentir a resistência do teu corpo; mas sobrara apenas um belo aglomerado de carne sem interação.

Perco-me constantemente em meio à observação e reflexão. Podes abrir os olhos? Quem sabe tudo não passou de um susto? Ainda vives!

Quantas vezes me levantei e tomei teu pulso? Inteiro silêncio, nas tuas veias e no teu coração.

Como chegamos aqui? Fui eu quem insistiu? Por que não desistimos? Vamos, levante e vamos para casa. Vamos voltar ao infeliz momento em que decidimos sair e, desistir.

Qualquer pensamento me recorda que continuas morta.

Por isso, por favor, não me julgues. Não suportava mais aquela visão. Meu ardente desejo resumia-se no teu conselho, receber a benção do esquecimento. Achei que o gelo não impediria o fogo. Usei o último cobertor sobre o teu corpo para espalhar as chamas, mas não queimastes por completo. Preferia ter visto o gato desfigurado a ti.

Já perdi a sensibilidade nas pontas dos dedos. Avisto o abraço gelado que não tardará em me consumir e, com a morte espero esquecer. Com o fim do inverno, acredito que alguém nos encontrará. E, recorde, ao ler meu relato, como contemplei por dias o rosto falecido e queimado de minha esposa que não se putrefazia.

☪



*(Foto) “O fantástico mundo de Rafael Silveira”.
Registro fotográfico da exposição do artista plástico,
no Museu Oscar Niermeier. Curitiba, 2017.*

Jéferson Dantas

Gaúcho de Bagé/RS, historiador, ensaísta, compositor e músico amador. Doutor em Educação pela UFSC. Professor no Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. No universo literário, aventurou-se com duas novelas: “Suspensão e alheio ou as minhas reticências sinceras e Égab” (Ed. Insular, 2015) e um livro de contos (edição própria, 2017) intitulado “Essa coisa sem nome”. O conto aqui publicado é do livro “À Beira” (Editora Insular), obra da também escritora e jornalista, Jeana Lexau (pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos).

Sem pressa

Intensos
São os gestos
E os olhos perdigueiros

Menino que brinca
E aponta a
Língua para
O tempo

No mercado público
'almas no curtume'

E o menino brinca
E lança suas
Ideias

Força-lúdica
No coração
Da matéria!

Fábula

Um brinquedo animado
Sentido
Pesado moinho

Artefato
Cores do infante

Elos multicores
Urgem
Ventos e tambores
Eis o alarme-tempo...

Quentura
Da vida adiante!

Vestido de mar

Jéferson Dantas

Era mais uma manhã. De tantas que vivera até o momento. Todavia, um cansaço enorme lhe tomara. Deteve-se por um longo tempo diante do espelho do banheiro. A mulher ainda dormia. Fez o asseio matinal sem qualquer pressa. Resolveu caminhar pelo bairro antes de tomar o café. Estranhava o seu corpo. Olhava demoradamente para as suas mãos. O relógio marcava sete horas e trinta minutos. Tinha algum compromisso, mas não sabia qual. Aliás, os compromissos pareciam-lhe alheios agora. Cumpria prazos. Era assim que se sentia há muitos anos. Quase desmaiou em via pública. Enorme vontade de regurgitar!

A garoa se transformara numa chuva intensa. Ficou ensopado. Retornou para o seu apartamento. A mulher já preparara o café. Sentiu o aroma daquela bebida quente como se fosse a primeira vez; tocou a face de Lúcia (era esse o seu nome), depois os seus lábios carnudos e acarinhou os cachados de seus cabelos. Lúcia recebeu o afago de maneira cúmplice, mas estranhou o acúmen daquele olhar oceano-abissal. E pela primeira vez Lúcia teve medo.

Vestiu-se. Beijou-lhe a boca, mas manteve os seus olhos bem abertos. Era uma despedida. Ele sabia

que era uma despedida. Lúcia queria conversar. Perguntou-lhe muitas coisas. Ele já não conseguia ouvir nada. Desvencilhou-se de Lúcia com certa rispidez. Queria respirar. Apanhou a mochila de couro e a dispôs em suas costas. Ganhou, enfim, o corredor que dava acesso ao elevador. Depois, ganhou as ruas. Passos apressados. Uma corrida. Vários quarteirões e ensopado de suor parou sob a marquise de uma loja de eletrodomésticos. A chuva recomeçara. O relógio marcava nove horas. Nem sabia para onde ia. Desorientado, chamou um táxi. O destino: uma praia qualquer. Alfonso (era esse o seu nome) deixou-se levar pela solidão: “Que poesia nova procurava? Uma voz antiga de vento e sal lhe esmagava a alma e o carregava. Ia-se agora como nos sonhos. Adormecido, Alfonso, vestido de mar, para nunca mais”. ◀



“Uma ilha azul”.
Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC - 2018.



Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação para vestibulares e concursos, para o texto acadêmico ou profissional, para a escrita literária ou, simplesmente, para o prazer de escrever.

Nossa proposta

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

E-mail: cyntia@ofpalavra.com.br

Telefone: (48) 99963-1355

Rua Marechal Guilherme, 103 – Ed. Canadá – sala 908
Centro – Florianópolis/SC

www.ofpalavra.com.br



OFICINA
da Palavra
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR